



SIGNIFICATIVIDADES NO PROCESSO DE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

Significance in the process of literacy and literacy.

SALGADO, Graciela¹; CUNHA, Jussara², HAMESTER, Márcia³,
PINTO, Mari Jaqueline⁴

Resumo: O presente trabalho tem como tema central fazer uma análise das práticas e metodologias de letramento e alfabetização no ambiente escolar. O estudo teve como objetivo observar e estabelecer relações entre teoria e prática, relatar as vivências de ambientes favoráveis a alfabetização e o letramento na educação básica. Foram realizadas coletas de dados através de anotações e registros fotográficos. A pesquisa se deu sob o cunho qualitativo. Os sujeitos da pesquisa foram crianças e professores da turma do maternal B (3 a 4 anos), da educação infantil, e uma turma multiseriada de 1º e 2º ano, com o objetivo de analisar as práticas de alfabetização e letramento propostos pelas professoras e pelas próprias crianças, dentro do espaço escolar. O trabalho trás a culminância das atividades realizadas na disciplina de “Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Alfabetização e do Letramento”. A teoria de Ferreiro, Teberosky (1983), Seber (1997) e Soares (2004) são os referenciais teóricos que embasam o percurso e os resultados das observações e a conclusões da referente pesquisa.

Palavras-chave: Ambiente Letrado. Métodos de Alfabetização. Educação Infantil. Ensino Fundamental.

Abstract: The present work has as main theme to make an analysis of literacy and literacy practices and methodologies in the school environment. The study aimed to observe and establish relationships between theory and practice, to report the experiences of environments favorable to literacy and literacy in basic education. Data were collected through annotations and photographic records. The research was qualitative. The subjects of the research were children and teachers of the group of maternal B (3 to 4 years) of early childhood education, and a multiseriade class of 1st and 2nd year, with the objective of analyzing the literacy and literacy practices proposed by the teachers and own children, within the school space. The work brings the culmination of the activities carried out in the discipline of "Theoretical and Methodological Foundations of Literacy and Literature". The theory of Blacksmith, Teberosky (1983), Seber (1997) and Soares (2004) are the theoretical references that base the course and the results of the observations and the conclusions of the referring research.

Keywords: Legal environment. Literacy Methods. Child education. Elementary School.

¹ Professora Bolsista PARFOR orientadora, UNICRUZ. E-mail: gracielasalgado79@gmail.com

² Acadêmica de Pedagogia PARFOR. UNICRUZ. E-mail: ju.g.cunha@hotmail.com

³ Acadêmica de Pedagogia PARFOR. UNICRUZ. E-mail: hamester111@hotmail.com

⁴ Acadêmica de Pedagogia PARFOR. UNICRUZ. E-mail: jakemeg01@gmail.com



Introdução

Olhar as crianças e revelar suas singularidades, requer um princípio da ação pedagógica, que reside no tempo presente, que “descobre” a criança e “celebra” a infância (Ostetto, 2012, p. 129). Nessa perspectiva, observar e estabelecer relações entre teoria e prática, bem como aproximação das acadêmicas do curso de pedagogia PARFOR UNICRUZ, de diferentes metodologias e vivências em ambientes favoráveis a alfabetização e letramento, foi um recurso utilizado para fomentar as discussões acerca do tema, na disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Letramento e da Alfabetização.

Foram realizadas observações, pesquisas bibliográficas, um seminário socializador e culminou com a escrita dos resultados. Tais recursos ratificaram as formas e fases da leitura e escrita infantil, evidenciando a importância de respeitar o tempo de cada criança. Importante salientar que a linguagem gráfica do mundo, estabelece importante incentivo à alfabetização e ao letramento.

Esse complexo momento da aquisição das habilidades de leitura e escrita na infância, requer do acadêmico seriedade e muito estudo, Ostetto (2012, p. 129) diz que, “Nesse tempo, portanto, emerge um aspecto essencial para a formação do professor: aprender a olhar, ampliando o foco da visão, mirando na diversidade por meio da sensibilidade que acolhe as diferenças”.

A pesquisa se deu de cunho qualitativo, na qual foram realizadas observações em escolas de educação Infantil e de ensino fundamental, com coleta de dados, através de um roteiro com perguntas semi-estruturadas, anotações e registros fotográficos. Os sujeitos da pesquisa foram os alunos e professores da turma do maternal da escola de educação infantil, e da escola de ensino fundamental, uma turma multiseriada com alunos do 1º e 2º anos, bem como os professores de ambas as turmas.

O trabalho trás a culminância das atividades realizadas nas escolas observadas, com a teoria de Ferreiro, Teberosky, (1983), Seber (1997) e Soares (2004), referenciais teóricos que ratificam as teorias referentes ao letramento e a alfabetização.



Metodologia

Foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, que caracteriza-se por ser “uma sequência de reflexões e de relatos a respeito de experiências vividas pelo pesquisador em meio a outras pessoas.” Brandão (2003, p. 10). Os contextos pesquisados foram duas escolas, sendo, a EMEI Maria Aldina Vieira Zago e a EEEF José Carlomagno, ambas de Cruz Alta – RS. Os sujeitos da pesquisa foram as crianças e professores da turma de maternal da EMEI, e alunos e professores da turma mutiseriada de 1º e 2º anos da Escola José Carlomagno.

A coleta de dados se deu a partir de observações das turmas, bem como anotações em diários de bordo e registros fotográficos. Os dados foram organizados por escolas, primeira educação infantil e depois ensino fundamental. Os cuidados éticos com os sujeitos da pesquisa, se deu através da carta de apresentação, termo de consentimento livre e esclarecido de participação e autorização de uso de imagem das crianças.

Professor, criança e metodologia: sinais de convergência.

A alfabetização é um processo de construção de hipóteses, na qual a criança necessita vivenciar situações estimuladoras que possibilitam uma reflexão sobre a língua escrita. A convivência da criança em um ambiente letrado, com contação de histórias, imagens significativas, dentre outros portadores textuais, contribui para a familiarização do mundo da escrita, fazendo com que ela use sua imaginação, registre esses significados simbólicos e os converta em escritas espontâneas, buscando compreender o significado das coisas que a rodeiam

A imaginação da criança é parte fundamental no processo de desenvolvimento, é assim que ela irá relacionar as situações, objetos e demais elementos do seu entorno, contribuindo para as descobertas necessárias, convertidas mais tarde em significados que efetivar-se-ão no aprendizado formal da leitura e da escrita. Nisso, Seber (1997) chama atenção para o seguinte:

Em nome de futuras cópias, professor e criança perdem a chance de realizar novas conquistas. Como os desenhos livres não são apreciados, a criança não é incentivada a buscar semelhanças entre o que produz e o objeto representado, e muito menos estimulada a desenvolver de maneira criativa formas distintas para escrever o que



deseja. Em contrapartida, o professor deixa escapar a grande oportunidade de aprender com ela as etapas dos processos. Sua atuação pedagógica indica desconhecimento de que a criança, em razão de seu avanço intelectual, pode lhe ensinar mais do que muitos cursos de capacitação. (SEBER, 1997. P. 33).

Com isso, torna-se necessário proporcionar às crianças, meios de explorar a mente, imaginar, criar ambientes que estimule seus sentidos, a partir da habilidade imaginativa criará condições para aprendizagens significativas.

A alfabetização não é somente um processo de memorização, pois a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual, primeiramente a criança reconhece que o desenho é diferente da escrita, e que não são mesma coisa, segundo Ferreiro (1986, p. 23) essa diferenciação entre desenho e escrita geralmente ocorre mesmo antes da criança entrar na escola, pois ela está inserida em uma sociedade grafocêntrica. Ferreiro (2009) também afirma que a criança possui um momento certo para aprender, e que nem todas possuem o mesmo ritmo. Isso leva a compreender que cada criança possui seu tempo de aprendizagem, dependendo de seu grau de maturidade.

Sabe-se que alfabetização e o letramento são dois processos que caminham juntos, pois um dependem do outro para concretizar aprendizagens, por isso,

“estar alfabetizado significa a possibilidade de produzir textos nos suportes que a cultura define como adequados para as diferentes práticas, interpretar textos de variados graus de dificuldade em virtude de propósitos variados, organizar e obter diferentes tipos de dados em papel ou tela, além de apreciar a beleza, a inteligência, a estética da composição. Uma concepção exigente e que não se cumpre em um ano, mas ao longo de uma escolaridade.” (FERREIRO 2009, p. 75).

A partir dessa afirmação, é possível realizar uma reflexão sobre a importância de o aluno estar alfabetizado e acima de tudo estar sendo letrado juntamente nesse processo, pois a alfabetização proporciona ao aluno ler e a escrever e o letramento possibilita ao aluno interpretar o que lê, tornando o processo significativo. Dito isso, através dos estudos de Ferreiro e Teberosky (1999) foi possível conhecer os níveis e as hipóteses que a criança constrói, quando submetida à leituras supervisionadas e questionadoras. Demonstrações de intimidade com o mundo letrado, mesmo antes de serem alfabetizadas e independente da condição socioeconômica, levam o professor a crer que a criança, mesmo sem os conhecimentos formais têm muita familiaridade com os significados, tanto da leitura quanto



da escrita. Para bons alfabetizadores, o olhar curioso da criança se transforma em possibilidades que abrem caminhos para uma alfabetização de sucesso.

Pelos caminhos da alfabetização segundo ferreiro e teberosky.

Os estudos da psicogênese da língua escrita de Ferreiro e Teberosky (1986) perpassa por diversas etapas das descobertas que as crianças fazem acerca da leitura e da escrita - mesmo não sendo a leitura e a escrita formal -, é uma escrita diferenciada, na qual a criança produz garatujas e pode desenhar (letras, números e desenhos) de diferentes formas, representando, através de linhas curvas, que podem ou não assemelhar-se às letras, seus pensamentos sobre o mundo. A criança atribui seu próprio significado às representações, ou seja segundo os estudos da psicogênese, “escrever é reproduzir os traços típicos da escrita que a criança identifica como a forma básica da mesma”. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 193).

A evolução das noções de leitura e escrita da criança, possui detalhes que marcam cada fase, dando a elas significados distintos, Para isso, a criança realiza tentativas de diferenciar uma coisa da outra para justificar suas hipóteses, as pesquisadoras não pouparam esforços para explorar todas as nuances explicativas das crianças, procurando formular questões nas quais, inclusive, quando a criança estabelece uma quantidade aceitável de caracteres para que seja possível a leitura, por exemplo:

Quando apresentamos às crianças diferentes textos escritos em cartões e lhes pedimos que nos dissessem se todos esses cartões “servem para ler” ou se existem alguns que “não servem”, observamos dois critérios primordiais utilizados: *que exista uma quantidade suficiente de letras, e que haja variedades de caracteres*. Em outras palavras, a presença de letras por si só não é condição suficiente para que algo seja lido; se há poucas letras, ou se há um número suficiente porém da mesma letra repetida, tampouco se pode ler. E isso ocorre antes que a criança seja capaz de ler adequadamente os textos apresentados (FERREIRO E TEBEROSKY. 1986, p 36).

Daí, passam a hipotetizar em relação a escrita e o desenho, acentuações gráficas e assim por diante. Importante ressaltar a necessidade dos professores da infância estudar esses postulados, pois a mecanização com que são trabalhados esses processos da aquisição da



leitura e da escrita pelas turmas pré-escolares, antecipa de forma absurda conceitos que as crianças ainda não estão maduras suficientes para absorver e transformar em conhecimento.

A ludicidade com que as crianças encaram suas hipóteses ficam marcadas nas páginas do estudo feito pelas autoras, as crianças denominam, por conta própria, o que não conhecem e justificam com propriedade o porquê de suas denominações. Dessa forma, antes de demarcar as fases propriamente ditas, de níveis de alfabetização, as crianças passam por muitos outros, que não são levados em consideração na medida que deveriam, a fim de compreender o processo cognitivo infantil. Assim, Ferreiro e Teberosky (1986, p.62) definem o “quão sensíveis são as as crianças pequenas a uma modificação da consigna dada e quão capazes são de empregar critérios coerentes de classificação de uma material gráfico, muito antes de poder ler, no sentido convencional do termo”. A seguir, alguns detalhes das observações realizadas nas turmas de educação básica, descritos e fundamentados.

O letramento na educação infantil.

Na observação realizada, dia 21 de março de 2018, na EMEI Maria Aldina Vieira Zago, em Cruz Alta-RS, fomos recebidas pela diretora da escola e encaminhadas para a turma do maternal B. A turma, composta de onze (11) crianças, de dois (2) anos e um (1) mês à três (3) anos completos. Nesta turma duas (2) professoras docentes, sendo que uma delas tem a formação no magistério e atua a dois (2) anos na educação infantil. A outra tem formação no magistério e também e atua a três (03) anos na educação infantil. A metodologia utilizada pelas professoras parte de projetos, com eixos temáticos baseados no interesse das crianças, cuja proposta, coloca o aluno como atuante no processo educativo, sendo o professor o mediador desse processo.

Os recursos utilizados pelos professores são livros infantis, tintas, tesouras, folhas de ofício. A partir da roda de conversa questionam e exploram os conhecimentos que as crianças trazem, respondem e fazem perguntas à eles, professores e crianças da turma estabelecem nesse momento trocas de saberes, dando ênfase à importância da oralidade no processo de letramento, que segundo Oliveira, é imprescindível,



[...] a importância de seus educadores serem sensíveis às necessidades pessoais e sociais das crianças, tornando-se seus parceiros especiais em situações de adaptação e acolhimento, identificação e explicitação de sentimentos, ou no enfrentamento de conflitos. Essas situações tão comuns no dia a dia da educação infantil, não podem mais ser consideradas fortuitas. São ao contrário, a ausência do cotidiano dos grupos infantis, e o professor deve estar preparado para participar delas e encaminhá-las. (OLIVEIRA, 2012, p.71).

Percebeu-se uma ótima interação com os professores e colegas da turma. A sala de aula é acolhedora, disponibiliza as produções elaboradas pelas crianças que identificadas com seus nomes, num varão de madeira, com suas respectivas mochilas, dão visibilidade aos seus nomes, significando a escrita através da particularidade de cada um. A escola apresenta painéis, cartazes, murais escritos e figuras familiarizadas com a linguagem escrita.

Em uma segunda observação, pudemos acompanhar a proposta de uma atividade realizada pelas professoras, os fazendo sentir as diferenças e as semelhanças entre os objetos colocados para a exploração, tais como, algodão, papelão isopor, papel laminado, papel crepom, e a partir disso, as crianças experienciaram diferentes texturas, construindo conhecimentos. Através dessas atividades, acreditamos que o papel do professor é proporcionar condições para que as crianças possam aguçar suas curiosidades e buscar respostas, com o professor promovendo o brincar de diferentes formas, ajudando-as a construir seus conhecimentos, tornando possível às crianças explorar formas, texturas e cheiros e gostos.

Letramento e alfabetização no ensino fundamental.

Observação realizada no dia 28 de março, na Escola Estadual de Ensino Fundamental José Carlomagno – Cruz Alta – RS. Fomos recebidas pela coordenadora da escola. Após apresentar a proposta da observação agendada para esta data, fomos encaminhadas à turma de primeiro e segundo ano, turma multiseriada, com doze crianças entre seis (6) e sete (7) anos de idade, ou seja, na faixa de idade correspondente ao ciclo de alfabetização. Na turma, há cinco (5) alunos com seis (6) anos e sete (7) alunos com sete (7) anos.

Quanto à professora, tem formação em Pedagogia e é Pós-graduada em Gestão e Organização de Escola. Atua a doze anos. Durante a observação, percebemos que a professora



baseia-se na metodologia de Piaget, Montessori e Vygostsky, utilizando um pouco de cada autor, visando sempre o desenvolvimento do aluno. Cada metodologia tem suas especificidades, e cabe ao professor saber classificar o que de melhor ou mais adequado à cada criança em cada momento do ensino e da aprendizagem.

Não se pode esquecer que, em geral, as possibilidades e limites de métodos de alfabetização estão ligados aos métodos de ensino que, ao serem produzidos paralelamente, dão ao ensino um ordenamento mais amplo e interferem em todos os conteúdos da instrução e formação. As relações entre as formas de organização do ensino, os paradigmas sobre o papel da escola e sobre o aprendizado vão repercutir historicamente em métodos de alfabetização: seja para reforçar alguns deles, seja para negá-los. (FRADE, 2007, p. 24).

A professora utiliza os seguintes recursos, quadro de giz, caderno, internet, xerox, músicas, jogos, livros, confecção de jogos, painéis, entre outros. Com estes recursos as crianças interagem e são coadjuvantes do processo diário de ensino e aprendizagem. A proposta da atividade realizada pela professora no momento da observação, visava a coordenação motora, pois os alunos têm muita dificuldade de manusear lápis, tesoura, e realizar pinturas de modo geral. Neste dia, estavam trabalhando com argila, moldando, dando formas variadas, brincando com esse elemento, a fim de impulsionar a alfabetização e o letramento.

O ambiente da sala de aula, como nos demais espaços escolares, é um ambiente acolhedor, de aprendizagens, de interações entre a professora e as crianças, um espaço de conversa, de questionamentos.

Considerações finais

Com o estudo realizado, foi possível constatar que a prática é inseparável da teoria, pois, através dos dados coletados, percebeu-se que a educação infantil proporciona um ambiente estimulador, possibilitador de leituras visuais, gráficas, que estão espalhadas pelo mundo que cerca a criança. Ao manipular objetos, a criança descobre seus significados, tornando-se assim um sujeito participativo e curioso, empodera-se dos elementos que lhe são oferecidos construindo e produzindo significados, ampliando seus conhecimentos e tendo contato com diferentes portadores de texto, bem como com leitores mais experientes que ao



conviver com a oralização das palavras e com sua escrita, amplia seu repertório de um ser letrado.

No ensino fundamental, etapa em que a alfabetização deve se dar de fato, os professores adequam suas metodologias de ensino de acordo com as necessidades do aluno. Captar as dificuldades e possibilitar que no espaço da sala de aula tenham suas dúvidas sanadas e suas capacidades inaltedidas, é um desafio constante para os professores alfabetizadores, uma vez que trabalham sozinhos e necessitam, dessa forma, instrumentalizar-se para reconhecer, identificar e interpretar as divergências que existem e contribuem para que o processo de alfabetização em toda a sua complexidade, seja um ciclo de conquistas para seus alunos.

REFERÊNCIAS

ALFABETIZANDO/ Coordenado por Zélia Cavalcanti. Porto Alegre. Artes Médicas, 1997.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador.** São Paulo: Cortez, 2003.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais.** Disponível em <http://www.ufsm.br/ce/revista> Acesso em 12 de abril de 2018.

FERREIRO, E. TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita.** Trad. Diana Myrian Lichtenstein et al. Ed. Artmed, Porto Alegre, 1999. Reimpressão 2008.

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes médica sul, 1999.

FERREIRO, E. **Uma concepção do desenvolvimento da escrita na criança/** Marília Claret Gereaes. Duran – Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de (Org.). **O trabalho do professor na educação infantil.** São Paulo: Biruta, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos.** Revista Pátio em meio eletrônico. 2004.



UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA. Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ/Universidade de Cruz Alta. 5.ed.rev. e atual. – Cruz Alta: Unicruz, 2018.